

EDITORIAL

A retomada da **Revista Brasileira de Geografia (RBG)** em 2016 coincide com as comemorações dos 80 anos do IBGE, instituição que tem gravada em seu nome e em sua missão o compromisso com o conhecimento geográfico. Ademais, essa retomada sinaliza a força alcançada pela geografia em interpretar a complexa realidade do mundo contemporâneo e, em especial, os processos e circunstâncias que nele modelam a sociedade e o território brasileiros.

A RBG foi criada em 1939, ano seguinte à incorporação do Conselho Nacional de Geografia ao IBGE, com o objetivo de contribuir para o conhecimento do território nacional, divulgar trabalhos geográficos e promover intercâmbio científico e cultural com instituições congêneres. Ao longo do tempo, a RBG atravessou e incorporou diversos momentos da história do país, bem como mudanças de paradigmas no próprio campo da Geografia e ciências afins. Ela se manteve ativa e foi publicada regular e ininterruptamente, ao longo de cinquenta e sete anos, entre 1939 e 1996. Essa longa série histórica encerrou-se em 1997, retornando, por curto período, entre 2005 e 2006.

O término das atividades da RBG repercutiu em toda a comunidade geográfica, pois se tratava de uma das principais referências editoriais na área. A lacuna se tornou ainda mais sensível devido à vigorosa expansão do campo acadêmico das geociências a partir da década de 1990, o que torna mais que oportuna a sua retomada, com um lastro histórico de qualidade.

Nesse sentido, é grande a satisfação de comemorar, juntamente com os 80 anos do IBGE, a retomada da RBG. O número que ora lançamos traz a honrosa colaboração de pesquisadores de consolidada carreira científica, seja no IBGE, seja em outras instituições de pesquisa e ensino. (Juntamente com esse número de retomada, lançamos um número especial contendo um índice que cataloga todas as modalidades de textos publicados na RBG, desde 1939 até 2006, conforme *i.* seções, *ii.* assuntos geográficos, *iii.* assuntos tópicos, *iv.* nomes próprios e *v.* títulos.)

Uma marca dos artigos desse número é a interdisciplinaridade, que acompanha a geografia desde sua origem, expressando sua preocupação com diferentes perspectivas científicas na produção do conhecimento. Seguramente, essa característica está na raiz da capacidade das geociências de abordar as mais urgentes questões contemporâneas que se desdobram simultaneamente em diversas escalas, como meio-ambiente, continuidades e descontinuidades espaciais advindas do avanço tecnológico e informacional, desigualdades regionais, diversidade cultural e de gênero, coesão territorial, deslocamentos populacionais, globalização e urbanização, entre muitos outros. A saudável pluralidade epistemológica e teórico-metodológica dos artigos que compõem esse número contribui para encampar um amplo espectro de questões e problemas que interagem, moldam e diferenciam continuamente o território brasileiro e a superfície terrestre em geral.

Esse número é dividido em duas seções: (1) *Artigos de Pesquisa* e (2) *Ensaio, Comentários e Resenhas*. A primeira engloba cinco artigos.

No primeiro deles, intitulado “Limites no espaço-tempo: a retomada de um debate”, Rogerio Haesbaert discute os condicionamentos contemporâneos do mais básico instrumento humano de construção geográfica: a delimitação espacial. Mobilizando diversos autores e teorias, o autor problematiza fenômenos cotidianos – como a militarização das favelas cariocas – do ponto de vista da criação e transformação de fronteiras, revelando as relações de poder que as sustentam e que são por elas sustentadas.

O segundo artigo é de Jurandyr Ross e se intitula “O relevo brasileiro no contexto da América do Sul”. Num inédito esforço de síntese, o autor procura explicar as formas de relevo do território brasileiro à luz dos processos geomorfológicos (tanto estruturais quanto esculturais) pretéritos e correntes operantes na escala do continente sul-americano.

De autoria de Fabio Contel, o terceiro artigo resgata um tema relativamente marginal na história da ciência geográfica, mas que desempenha um papel central no mundo alto capitalista: as finanças. Intitulado “As finanças e o espaço geográfico: contribuições centrais da geografia francesa e da geografia brasileira”, o artigo faz uma revisão dos estudos na escola francesa e das suas repercussões no âmbito brasileiro.

Tema clássico das descrições geográficas, as altitudes do território constituem o objeto de Roberto Luz, em seu artigo “Cálculo de altitudes científicas e sua aplicação no reajustamento da Rede Altimétrica de Alta Precisão do Sistema Geodésico Brasileiro”. O autor apresenta os principais conceitos referentes aos sistemas geodésicos de referência vertical e às altitudes físicas, no contexto da preparação do primeiro ajustamento da Rede Altimétrica de Alta Precisão (RAAP) do Sistema Geodésico Brasileiro.

Fechando a seção Artigos de Pesquisa, o trabalho de Rafael Ferreira e colaboradores aborda um dos modernos métodos de produção cartográfica, a extração de feições a partir de imagens de satélite. Intitulado “Avaliação da qualidade posicional de ortoimagens RapidEye”, o artigo procura determinar a confiabilidade locacional de dados relativos a propriedades rurais georreferenciadas a partir de ortoimagens RapidEye (constelação composta por cinco satélites multiespectrais de cinco bandas, capazes de adquirir imagens ópticas com 77 km de largura).

A seção *Ensaio, Comentários e Resenhas* traz dois textos. O primeiro é um ensaio intitulado “*A Ferro e Fogo*, história ambiental e a geografia brasileira: um diálogo por inventar”, de autoria de Christian Brannstrom. O autor aproveita o aniversário de 20 anos da publicação do livro de Warren Dean (*A Ferro e Fogo: a História e a Devastação da Mata Atlântica Brasileira*) para refletir sobre o debate que os geógrafos brasileiros travaram (ou que poderiam vir a travar) com esse clássico da história ambiental.

Finalmente, temos o ensaio de Roberto Lobato Corrêa, intitulado “Processos, formas e interações espaciais”. Neste breve texto, o autor destaca os principais temas da organização e dinâmica social, econômica e cultural do espaço, objeto principal da geografia humana.

Vale ressaltar que, nessa retomada, a RBG se adapta às modernas formas de interatividade. Agora em formato exclusivamente eletrônico, a revista pode ser acessada “em qualquer ponto”, desde que se disponha de acesso à Internet, e “por qualquer caminho”, sem a necessidade de

seguir a ordem dos artigos, uma reminiscência da época em que ainda eram impressos como volume. Em outras palavras, a leitura da RBG se tornou mais fácil e customizável, já que o usuário pode abordá-la conforme sua conveniência, selecionando diretamente as discussões de seu interesse. É nesta perspectiva que a Revista Brasileira de Geografia espera constituir um fórum de discussão e difusão de ideias construídas a partir do campo do conhecimento geográfico.

Adma Hamam de Figueiredo

Editora-Chefe